

Mulheres policiais mostram que na rotina do trabalho competência não tem sexo

No Dia Internacional da Mulher, uma homenagem às policiais que com dedicação, paixão e desafio dividem os riscos e perigos da metrópole com os afazeres do lar

Elas ocupam funções que, até pouco tempo, eram exclusivas dos homens. Quem poderia imaginar uma policial civil, grávida de nove meses, correndo por becos de uma favela em busca de um criminoso? Isso ocorreu há pouco mais de nove anos. Ou, então, que uma jovem de 21 anos auxiliaria médicos-legistas no Instituto Médico Legal, tendo como única reclamação o peso do morto? Histórias como essas mostram que, por mais difícil que seja o trabalho, competência não tem sexo, como atestam as experiências vividas por essas mulheres policiais - militares, civis e da polícia técnico-científica - em sua rotina de trabalho.

GARRA E CORAGEM

Kelly Vicentini Neves Caldeiras é investigadora do Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos (Garra), da Polícia Civil. Tem 21 anos, olhos verdes espertos e está cursando Direito. Sempre quis ser policial. Há dois anos, prestou concurso e concorreu com 90 mil candidatos a 117 vagas. Entre os selecionados, estavam apenas dez mulheres. Ela é categórica: "Não penso em sair da polícia, quero fazer carreira".

Há nove meses no Garra, diz que os plantões são corridos. A ansiedade, segundo conta, só dura até chegar ao local da ocorrência. "Queremos ver logo o que está acontecendo. Na hora de um tiroteio, por exemplo, não dá tempo de pensar nem nos riscos que estamos correndo." Depois que passa o perigo, já está pensando no próximo chamado, conta. "Coragem não tem sexo", afirma o delegado titular, José Eduardo Zappi, ao comentar que para trabalho competente não há diferenciação. Mas aproveita para brincar: "Na troca de plantão, no rádio, a polícia inteira diz tchau para a Kelly". Na hora da folga, ela gosta de ir ao cinema, à praia, visitar amigos. "Sou normal", diz brincando. Além disso faz uma fantástica parceria com o delegado no jogo de pebolim.

DIFERENÇAS COMPLEMENTARES

Em outubro de 2001, a Divisão Anti-Seqüestro do Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deic) chegou a coordenar 16 casos num único dia. Juliana Pereira Ribeiro Godoy Rodrigues foi delegada titular de uma das delegacias (são duas), e hoje é assistente da Divisão. Há 18 anos na Polícia Civil, ingressou num tempo em que só existiam 10 delegadas na polícia. De Ribeirão Preto, interior do Estado, foi parar na Cidade Ademar,

Lilian, do policiamento ciclístico: por causa do trânsito, chegamos na frente e prestamos os primeiros socorros
Francine: ser policial é um sacerdócio e não uma profissão
Denise: apoio do marido e da família são fundamentais



Kelly, investigadora do Garra: a ansiedade só dura até chegar ao local da ocorrência

periferia de São Paulo. Depois, trabalhou na Delegacia do Morumbi, no Departamento de Homicídios e de Proteção à Pessoa (DHPP), em investigações sobre loteamentos clandestinos e no caso da máfia dos fiscais.

Na Divisão Anti-Seqüestro diz que o comprometimento com o trabalho a faz perder a noção do tempo. E, nesse sentido, a família representa importante suporte. Conta com o apoio do marido e a compreensão do filho João Pedro, de 9 anos. "Mas me desdubro para chegar em casa e ainda dar atenção a eles", diz. Grávida de oito meses, espera Gabriel, seu segundo filho. Quando perguntada

nesse universo. "Somos diferentes dos homens e essas diferenças nos tornam complementares." E se divertem ao contar que atenderam a ocorrências com penteados de casamento, ou produzidas, como fala Bianca, porque estavam a caminho de uma festa.

Bianca é solteira, tem 26 anos e há dois anos e meio está na polícia. Ao sair da Academia foi designada para a Delegacia Anti-Seqüestro de São Bernardo do Campo. "Lá eu era a única mulher. Se houve resistência dos colegas, não durou uma semana. Viram que eu vim para ficar, para ser mais uma da equipe."

UM TRABALHO DIFERENTE

Há um ano e meio, Gisele Petit é auxiliar de necropsia do Instituto Médico Legal. Tranquila, diz que a profissão não a assusta. "Só a primeira vez fiquei um pouco impressionada." Hoje, está satisfeita com a profissão e reclama apenas do peso dos cadáveres, quando precisam ser virados na mesa. "Trabalhamos em equipe, são dois médicos-legistas e dois auxiliares." Ela pretende ser médica. Lamenta não poder contar sobre seu trabalho: "exceto meu namorado, ninguém quer ouvir".

MUDAR O MUNDO

No 13º Batalhão da Polícia Militar são 18 policiais que fazem a ronda ciclística, entre eles duas

mulheres. A soldado Lilian Martins da Silva, há sete anos na PM e seis meses no policiamento ciclístico, diz que a velocidade é a principal arma no atendimento às ocorrências. "Por causa do trânsito, na maioria dos casos, chegamos na frente e prestamos os primeiros socorros." Preparo físico é importante. São oito horas pedalando. "Num dia de sol chego a perder até 2,5 quilos."

A soldado Denise Santos de Oliveira Fernandes, quatro anos de experiência na PM, tem dois filhos: João Vítor, de dois anos e meio, e Ana Raquel de um ano e um mês. Diz que o apoio do marido e da família são fundamentais. "Se meu marido não entendesse as minhas escalas, meus horários, e não ficasse com os meus filhos, seria muito difícil."

Para a segundo-tenente Francine de Oliveira Soares ser policial é um sacerdócio e não uma profissão. Desde pequena também sonhava em seguir a carreira. Adora ler poesia, especialmente Pablo Neruda. Torcedora fanática do Santos, brinca com todos do batalhão sobre futebol. Quer um dia ser árbitra, mas apenas como *hobby*. "Aqui não temos sexo. De farda somos todos policiais. Na hora da confraternização ou do treinamento, homens e mulheres estão em pé de igualdade."

Joice Henrique

Da Agência Imprensa Oficial



Maysa e Bianca concordam que o espírito de equipe é fundamental. Juliana, no centro, diz que a diversão está nos pequenos prazeres

quais são seus *hobbies*, diz: "a gente tem uma vida tão atribulada que a diversão está nos pequenos prazeres, como conviver com a família e os amigos".

ESPÍRITO DE EQUIPE

Com ela, também trabalham Maysa Piedade Crivelli e Bianca Branco, na Ronda Operacional. Casada há 24 anos com George Poppler, também investigador na mesma Divisão, e há 10 anos na polícia, Maysa tem dois filhos, Rafael de 17 anos e Stephanie de 14.

Ambas concordam que o espírito de equipe é grande. Além disso acreditam que a mulher não precisa masculinizar-se para atuar

